

liga-me!
Sarah Mlynowski

Tradução de Susana Martins



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para a Chloe, a minha querida



Agradecimentos

Obrigado, *obrigado*, **obrigado** a:

Todd Swidler, o meu marido, sempre paciente, sempre apoiante, extra carinhoso, que discutiu comigo muitas, muitas versões deste livro.

As pessoas que o tornaram possível: Wendy Loggia, a minha editora fabulosa; Laura Dail, a minha agente incrível; e Tamar Rydzinski, a rainha dos direitos de publicação no estrangeiro.

Todas as pessoas fantásticas na divisão de Livros Infantis da RandomHouse: Beverly Horowitz, Chip Gibson, Krista Vitola, Kelly Galvin, Tamar Schwartz, Isabel Warren-Lynch, Kenny Holcomb, Adrienne Waintraub, and Jennifer L. Black.

Richie Kern e todo o pessoal na WME; Andy Fickman e Betsy Sullenger da Oops Doughnut Productions; todo o pessoal da Paramount.

Aviva Mlynowski, que disse maravilhas de mim à gente do cinema: obrigado, Miúda! Adoro-te!

Os meus espantosos leitores desde o início (nunca poderia ter feito isto sem as vossas inúmeras dicas... estava demasiado grávida e dependente da cafeína): Elissa Ambrose, a minha mãe, que foi lendo o livro à medida que eu o escrevia; Lauren Myracle, a mestre do elogio e do encorajamento; Lynda Curnyn, por conseguir ler e dar opiniões da noite para o dia; Ally Carter, que me aconselhou a mostrar em vez de contar; e Jess Braun, por me dizer onde deveria mostrar mais profundidade. Emily Jenkins, por me indicar onde deveria cortar.

Targia Clarke, pela ajuda com a Chloe.

À minha família e amigos, que me deram a sua companhia enquanto eu escrevia, amor e muito obrigada: Larry Mlynowski, Louisa Weiss, John e Vickie Swidler, Robert Ambrose, Jen Dalven, Gary Swidler, Darren Swidler, Shari Endleman, Heather Endleman, Shaun Sarno, Leslie Margolis, Alison Pace, Bennett Madison, Cassandra Clare, Scott Westerfeld, Maureen Johnson, Justine Larbalestier, Lauren McLaughlin, Robin Wasserman (e obrigado, Robin, por me deixares entrevistar-te sobre Harvard!), Libba Bray, Farrin Jacobs, Kristin Harmel, Bonnie Altro, Jess Davidman, Laura Accurso, Avery Carmichael, e Bob.



Capítulo Um

Sexta-feira, 23 de Maio • • • Último Ano

Devia devolver o relógio do Bryan à loja da Nordstrom e ir para casa. Em vez disso, estou sentada junto ao chafariz circular no centro comercial de Stonybrook, a olhar para a montra do Sunrise Skin Spa. Tem um cartaz com uma mulher sem rugas e a frase *Volte Atrás no Tempo*.

Parece-me bem. Se pudesse voltar atrás no tempo, teria uma data de coisas a dizer à minha versão mais nova. Incluindo isto:

Na Primária, não deixar a Karin Ferris cortar as tuas franjas. A tua melhor amiga não é uma cabeleireira. Vai acabar por cortá-las muito curtas. E irregulares.

No Liceu, não ponhas gomas na torradeira, mesmo se te pareça uma boa ideia. Tostadinho! Meladinho! Nham, nham! Não. Quando dilata com o calor, a ponta das gomas beija a chapa em brasa e a torradeira incendeia-se, e toda a tua família vai lembrar sempre a história de como tu quase puseste fogo à casa.

Segundo ano da Universidade: não deixes o teu aparelho dos dentes num guardanapo na cafetaria — a menos que queiras vasculhar em três caixotes de lixo cheios de esparguete e almôndegas até o encontrares.

Dezembro passado: não compres as calças de ganga da marca Dolly de que gostas em tamanho 34 porque achas que vão alargar. Não vão.

21 de Maio: não Lhe compres um relógio de prata como presente-surpresa de fim de curso, porque vais acabar por passar o dia de folga especial das aulas no centro comercial para o devolveres. O que me traz à dica mais importante.

Sobre ele. Bryan.

Se pudesse voltar atrás no tempo, a coisa mais importante que diria a mim mesma seria: nunca mas nunca te apaixonas pelo Bryan. Teria de começar por avisar a minha versão de catorze anos para nem sequer sair com Ele. Ou ainda melhor — a festa em que nos conhecemos oficialmente no meu primeiro ano de Liceu não teria nunca acontecido. Pronto, a festa até poderia ter acontecido, mas quando ele me ligou mais tarde e convidou para sair com ele, eu teria dito não. Obrigada pelo convite mas não estou interessada. Obrigada mas não, obrigada. Tem uma boa vida. Talvez tivesse dito a mim mesma para ficar antes em casa e pôr ordem no meu armário.

Imaginem: poder falar com a minha versão de catorze anos. Quem me dera.

Vejo a Veronica na Bella Boutique, mesmo ao lado do Sunrise Skin Spa. Ela acena. Devolvo-lhe o aceno.

— Devi! Vem ver as minhas coisinhas novas! — diz-me. — São demais!

Como se lhe desse ouvidos. Foi ela quem jurou pelas alminhas que as minhas calças de ganga iam alargar.

— Dou-te o desconto de empregada! — oferece ela, mesmo se eu já não trabalhe lá desde as férias de Inverno.

— Vou já, dá-me um minuto! — respondo-lhe. Vasculho a minha bolsa, encontro o telemóvel e digito o número das mensagens. Quero ouvir a que ele deixou esta manhã. De novo. Ouvi-a apenas uma vez. Pronto, sete vezes. Já sei: é patético. Mas continuo a esperar que soe de forma diferente de cada vez.

— Olá, Devi. Sou eu.

A voz do Bryan é grave e roufenha, como a de um fumador. Tentámos fumar uma vez, juntos, no miradouro Morgan no Monte Woodrove quando estávamos no Segundo Ano. Mas quando nos beijámos, ele sabia a meias sujas, e isso pôs fim à nossa fase de fumadores.

Até que a nossa relação se esfumou.

— Gostava que me respondesses — continua a sua voz. — Costumas sempre responder. — Uma pausa como se estivesse à espera de que lhe respondesse. — Desculpa. Quer dizer, desculpa mesmo, a sério. Nunca quis magoar-te.

A mensagem ainda ecoa nos meus ouvidos, mas já quase não ouço, porque agora estou a chorar e as minhas faces estão todas molhadas e a minha mão está toda molhada e como é que ele pôde dizer que me ama quando é óbvio que não ama e...

Splash!

Como uma barra de sabonete no duche, o meu telemóvel escorregou-me por entre os dedos e aterrou no chafariz.

Fantástico. Mais uma coisa a dizer à minha versão de há dois segundos: não deixes cair o teu telemóvel numa bacia enorme cheia de cloro esverdeado. Espreito para dentro da água. Consigo ver um brilho de faíscas prateadas. Será o meu telemóvel? Não. É uma moeda. O lago está cheio de moedas para além do meu telemóvel. Será que há mesmo gente que acredita que atirar uma moeda para a água permite realizar um desejo?

Ah, estou a vê-lo, estou a vê-lo! Estico-me para lhe chegar, mas está longe demais. Deito-me apoiada na barriga e tento de novo. Um pouco mais... quase lá...

O telemóvel afasta-se do meu alcance pela força dos jactos de água do chafariz. Que bosta, vou ter de entrar no lago.

Por sorte, tenho as minhas sandálias. Olho em volta para ter a certeza de que nenhum segurança me está a ver, subo para o banco, arregaço as minhas calças de ganga súper apertadas e entro na água.

Fria. Pegajosa. Quando olho para baixo, os meus dedos dos pés estão inchados e tintados de verde. Talvez a água seja radioactiva e me esteja a tornar no Hulk.

Pelo canto do olho vejo o Harry Travis e o Kellerman a caminharem pelo centro comercial como se fossem donos daquilo. O Harry — sem dúvida um dos tipos mais bonitos da nossa turma — tem cabelo preto, um corpo musculado, olhos azuis intensos e uma pele rosada. Também tem uma barba de dois dias muito sexy — muito masculina e excitante. E o Kellerman — toda a gente o trata por Kellerman — tem o ar de quem já pertence a uma fraternidade. Está sempre com o chapéu da Pi Lambda Phi que é do irmão mais velho, e acho que nunca o vi com outra coisa a não ser calças de fato de treino.

Baixo-me para o que o duo maravilha dos finalistas não me veja. Era mesmo o que faltava para tornar o dia perfeito, não? A água encharca as minhas calças de ganga pelos joelhos. Porra, porra, porra! Quando os dois viram para a zona de restauração, ergo-me e tento de novo encontrar o meu telemóvel. E lá está ele de novo! Iupi! Em cima de uma pilha de moedas. Apanhei-o. Boa!

Agora tudo o que tenho de fazer é regressar sã e salva à margem do lago...

Splat. As ondas da água empurram-me, e quando dou por mim caí de rabo. Bonito. Mesmo bonito. Os olhos começam a ficar irritados.

Levanto-me e vou de novo para a segurança da beira do chafariz, deixando um rasto de gotas verdes e brilhantes. Não ligo às minhas calças de ganga completamente ensopadas — quem sabe, os químicos até podem ajudar a alargá-los — e enxugo o telemóvel na minha camisa, como se isso

fosse ajudar em algo. Por favor, não estejas avariado, por favor, por favor, por favor. Carrego no botão para o ligar.

Nem um som. Nem ligação. Nem nada.

Vejo a Veronica a olhar para mim.

— Estás bem? — grita ela.

Hmm, não?

— Tudo bem!

Aceno, e volto de novo a atenção para o telemóvel. Tento ligá-lo mais uma vez. Ainda nada. Carrego no botão do um. Nada. O do dois. Nada. Três, quatro, cinco, nada. Seis, sete, oito, nove, o botão do sinal da Libra, o botão do volume de som. Nada, nada, nada. Bato com o pé no chão. A minha sandália faz um ruído esponjoso.

Carrego no botão de ligação. De novo. Nada.

Carrego no nove, no oito, no sete, no seis, no cinco, quatro, três, dois, um, no botão da libra, no do som. Nada em nenhum.

Carrego no botão de chamada. O telemóvel ganha vida.

Ora cá estamos. Não faço ideia para quem liguei, mas está a tocar.

Capítulo Dois

Sexta-feira, 9 de Setembro • • • Primeiro Ano

Quando ela me liga a primeira vez, estou sentada junto à Karin Ferris e em frente da Joelle Caldwell e da Tash Havens à nossa mesa na cafetaria, a que fica no fundo junto aos caixotes do lixo. Não é o ideal, pois sente-se um certo aroma a carne em putrefacção, mas pelo que me toca já é uma sorte termos conseguido uma mesa. Alguns caloiros estão sentados no chão.

O meu telemóvel, comprado há duas semanas, vibra junto à minha tosta de queijo meio comida e às batatas pouco fritas. Na semana passada, na sessão de orientação, disseram-nos que todos os alunos do Liceu Florence West — sou finalmente uma aluna de liceu! De loucos! — tinham de pôr os telemóveis em modo silencioso. Sentem-se imensas vibrações por aqui, dir-se-ia que a cafetaria foi construída por cima de uma linha de metro. Não foi, claro. Não há metro em Florence, Nova Iorque.

— É a tua mana? — pergunta a Karin enquanto sorve um batido de chocolate. — Diz-lhe olá por mim.

Lanço um olhar rápido ao apelido Banks do remetente da chamada e carrego no botão para aceitar.

— Olá, Maya! — digo, tentando não abrir muito a boca enquanto falo por suspeitar que tenho um pedaço de queijo cheddar preso no aparelho dos dentes. Odeio o aparelho. Sim, tenho uma armação transparente, não é como se tivesse a boca cheia de metal, apenas um fio de metal, mas desde que o pus na semana passada que ando a ficar com bocados de comida presos nele. Cereais, queijo derretido das tostas, batatas fritas quase cruas — se esteve num prato, vai de certeza acabar no meu aparelho. — Oi!

— Alô?

— Até que enfim! Deixei-te duas mensagens esta semana! Já sei que são umas três horas de diferença entre aqui e a Universidade da Califórnia, mas creio que uma espertalhona como tu consegue descobrir uma forma de manter-se em contacto — digo-lhe.

— Desculpe? — diz uma rapariga. Uma rapariga que não é a Maya. Hã? Volto a olhar para o nome do remetente da chamada, mas não está lá nada agora.

Hmm. Não faço ideia de com quem estou a falar. Mas a voz dela soa-me algo familiar, por isso talvez devesse saber com quem falo. É como se estivesse a ver um concurso na TV e sei a resposta, sei mesmo, mas não consigo tirá-la da ponta da língua. — Com quem falo?

— Desculpe, deve ter ligado para o número errado — diz a rapariga.

— Tudo bem — respondo, e desligo. Volto à minha tosta de queijo.

— Então, que vão fazer este fim-de-semana? — pergunta a Karin.

— Nada — diz a Joelle com um suspiro. Ajusta a míni-saia de ganga e a blusa descaída nos ombros. — Não há nada para fazer. Talvez pudéssemos ir num passeio de compras.

— Aonde? A Buffalo? — pergunta a Tash.

— Nããã, Buffalo é uma seca! Vamos a Manhattan.

— Levamos as bicicletas voadoras? — pergunta a Tash, abrindo muito os seus enormes olhos verdes, lindíssimos. Não sei porque os esconde atrás de óculos em vez de lentes de contacto. E quando se senta encurva-se toda. Se a conhecesse melhor dizia-lhe para se endireitar na cadeira e mostrar a altura que tem e o corpo de supermodelo.

— Quem me dera que não vivêssemos neste fim do mundo — queixa-se a Joelle.

— Não é suposto estares aborrecida já com duas semanas de Liceu — diz-lhe a Karin.

— Mas estou — diz ela. — Estou a pensar juntar-me à turma que prepara o anuário da escola. Alguém quer inscrever-se comigo?

Nenhuma de nós abriu a boca.

— Vocês são uma chatas! Tenho de descobrir se há alguma festa este fim-de-semana. Ver por onde anda o meu futuro marido, o Sr. Jerome Cohen. — diz ela, tocando no *piercing* que tem na sobrancelha.

Não me importava nada de ir a uma festa com rapazes giros. Não tenho um namorado desde o Jarred Morgan, no ano passado. Estivemos juntos quatro meses. Antes disso foi o Anthony Flare. O nome dele devia ter sido logo um aviso. Nunca devia ter saído com ele. A Karin gostava dele, mas só mo disse uns dois meses depois de estarmos juntos.

Há algumas brasas nas minhas turmas. Há o Harry Travis, que tem

olhos lindos, mas não os esconde como a Tash. Tem o cabelo negro e a pele mais rosada e suave que já vi. Podia fazer o papel de um galã na TV. E há o Jerome Cohen da Joelle, que está fora de questão sendo o futuro marido dela, mas que mesmo assim é adorável nos suas calças de ganga de cintura baixa e t-shirts de bandas dos anos noventa. E há um outro rapaz em que reparei no Liceu algumas vezes, mas cujo nome não sei. Não costuma almoçar na escola, e não tenho aulas com ele, mas tem um cabelo espetado giro e um sorriso grande. Nunca fui a destinatária desse sorriso, mas estou a fazer por isso.

O meu telemóvel vibra de novo. Outra chamada por engano?

A Joelle pega nele e faz uma careta ao ver a identidade de quem chama.

— Tu estás a ligar para ti mesma! — diz ela.

Não sei bem o que ela quer dizer com aquilo, até que olho para o monitor e vejo que é o meu número. E o meu nome. E isso é mesmo muito estranho.

— Alô — digo eu, de novo.

— Ah, olá! — responde a mesma rapariga de antes. — É estranho. Estava a tentar ligar para o meu *voice mail*. Não sei porque continuo a ser encaminhada para este número.

— Também não sei — respondo. Desligo de novo e dou mais uma trinca na minha sanduíche.

O móvel volta a vibrar.

A Joelle inclina-se sobre a mesa. — Quem é?

Volto a olhar para a identidade do autor da chamada. Continua a ser o meu número.

— Sou eu outra vez — digo. Beberico um pouco do meu sumo de maçã, tentando retirar o pedaço de queijo dos meus dentes, mas sem o conseguir.

— Há algo de errado com o meu telemóvel — diz a voz familiar-mas-ainda-por-identificar. — Liguei para o número do trabalho da minha mãe, e continuo a ser encaminhada para aqui. Posso saber com quem estou a falar?

— Devorah Banks — respondo com a minha voz delicada, a que uso para os professores, as pessoas que não conheço ainda e os cães. Não sei porque a uso com os cães. Talvez seja porque a visão das suas bocas enormes e dentes aguçados de vampiro me provoca ataques de urticária, e espero assim que interpretem a minha cortesia como um sinal de paz.

— Ah, que bom, então conhece-me! — diz ela.

— Conheço? — pergunto.

— Bem... acaba de dizer o meu nome.

Aperto o móvel contra o meu ouvido para abafar o ruído caótico da cafetaria. Terei percebido algo mal?

— O que é que está a dizer?
— Quem fala? — pergunta ela de novo.
— Devorah Ba... — paro a meio do nome. Porque estou a dar informações pessoais pelo telemóvel a uma estranha? — Desculpe, com *quem* estou a falar?
— Ouve — ladra ela. — Tenho as calças de ganga ensopadas em líquido esverdeado e estou a ter um dia mesmo mau. Podes dizer-me por favor com quem estou a falar?
— Huh... — é o que consigo dizer, e depois solto uma risadinha.
Faço isso muitas vezes. Quando estou nervosa, quando estou feliz, quando estou perto de rapazes, quando estou sentada na aula. A sério. Na segunda-feira, estava na casa da Karin e carreguei no *Play* do gravador dela. Ela grava todas as aulas, mesmo História Americana (uma das duas aulas que partilho com ela) — é esse tipo de perfeccionismo, o dela — e a primeira coisa que ouço logo é o meu riso a ecoar pelo quarto dela. Como uma hiena. He- he- he- he- he- he. Um horror. A rir, na aula de História Americana! Nem a aula, nem a professora, a menina Fungas, têm alguma coisa de engraçado. A não ser o nome dela, que é hilariante. Fungas! He-he. Pronto, lá estou eu outra vez.
— É óbvio que me conheces. Acabas de dizer o meu nome — diz a rapariga ao telemóvel de forma brusca. — Vais-me dizer quem és?
Huh... Trata-se de algum esquema? Alguém de uma empresa de marketing a tentar sacar-me informação para poder roubar-me a identidade e pagar uma viagem ao Panamá no dia de Acção de Graças com um cartão de crédito falso? Se eu ao menos tivesse um cartão de crédito. Talvez devesse roubar a minha própria identidade. Em vez disso, pergunto:
— Quer dizer-me qual o número para o qual está a tentar ligar?
— Tentei ligar para o número do trabalho da minha mãe! E antes disso tentei ligar para o meu serviço de voice mail. E antes tinha apenas carregado na tecla de chamada — diz ela, numa voz cada vez mais aguda. — Mas de cada vez, o monitor só mostra estes símbolos estranhos!
— Bem, ligou foi para mim — digo, começando a ficar irritada.
A Joelle faz-me um sinal do outro lado da mesa.
— Já sabes quem é?
Encolho os ombros.
— Não faço ideia.
— Então desliga — ordena ela. — Estás a gastar os teus minutos.
— Acho que é uma brincadeira de alguém — sussurro de volta. Sorvo outro gole de sumo para limpar o meu aparelho.
— Queres que diga a esse tipo que vá passear? — pergunta a Joelle.

— Tipa — digo, corrigindo-a, e estico-me por cima da mesa para lhe dar o telemóvel. Se alguém quer assumir o controlo da situação, por mim tudo bem.

— Cuidado com... — avisa a Tash, mas com uma voz demasiado suave e mal consigo ouvi-la.

— O quê?

— Disse para teres cuidado com... as batatas fritas.

Demasiado tarde. Acabo de roçar a minha manga de cor bege nas batatas fritas cheias de ketchup.

Recolho bruscamente o braço e o telefone na minha direcção... e mesmo por cima da minha garrafa de Snapple. Ela cambaleia — não caias! não caias! — e decide ir até ao fim. Inclina-se e cai sobre a mesa.

— Ooops! — Fantástico! Não devo tentar fazer demasiadas coisas ao mesmo tempo. Falar ao telefone enquanto estou a ver o email? Acabo a teclar o que estou a falar ao telefone. Sabem aquele jogo em que tentamos dar palmadinhas na cabeça com uma mão, esfregar o estômago com a outra, estalar a língua e dizer *uhhh* ao mesmo tempo? Se o tentasse fazer, acabava nas urgências em forma de salgadinho.

— Desculpe, tenho de ir agora — digo à estranha.

Desligo e corro para a fila do almoço à procura de guardanapos.



O telemóvel vibra dentro da minha mochila quando estou a sair da escola. Procuo por ele, mas meteu-se mesmo no fundo da mochila, enterrado por baixo de sete folhas de papel, o livro de conjugações de verbos franceses, uma cópia do *Jane Eyre* e o meu caderno de História Americana.

— Pronta? — pergunta-me a Karin. Está à minha espera na porta principal.

O telemóvel vibra de novo. Arranho a mão num lápis mas acabo por encontrá-lo. Maya? Olho para o nome de quem chama.

É o meu número. O meu número está a ligar para mim de novo. Mas que se passa?

— Alô?

— És tu — diz a mesma rapariga de antes. — Ainda bem. Devo ter percebido mal o que disseste há pouco. Quando disseste “Devorah Banks”, estavas a referir-te e mim, certo? Como quem reconhece alguém. Reconheceste a minha voz?

Mas de que está ela a falar.

— Esta é a Devorah Banks. — digo devagar. — Eu. Eu é que sou a Devorah. E quem é você?

— Aqui é a Devorah Banks! — grita ela. — Eu sou a Devorah Banks! Com quem estou a falar?

Sinto calor a subir da base do meu pescoço e a espalhar-se pelas minhas faces como um ataque de comichão.

— Sou eu. Devorah. Banks.

— Não podes ser — diz ela. — É impossível! Vou desligar!

O telemóvel fica sem vida. Um segundo depois, vibra. De novo o meu número.

— Ainda eu — digo a cantar.

— És louca! — grita ela.

— Tudo bem. — Carrego na tecla de fim de chamada, desligo o telemóvel e atiro-o para dentro da mochila. O quê, vou ficar a falar ao telemóvel com uma louca que me chama nomes? Não me parece. Sinto um formigueiro na nuca, e tento coçá-lo. Apresso-me para ir ter com a Karin. — Desculpa.

O ar de meados de Setembro refresca-me como um copo de água gelada. Ou como algodão molhado, que é o que trago vestido desde o almoço, quando tentei, sem sucesso, limpar o ketchup da minha camisola.

Reparamos num grupo de alunos a jogarem no campo de basebol e ficamos junto à cerca a vê-los.

— São os testes de selecção — diz a Karin, apontando para o quadro de resultados. — Basebol, basquetebol e futebol hoje; natação, ginástica e equipa de *cheerleaders* na segunda. Estou tão nervosa.

— Não estejas. Vais estar na equipa de ginástica de certeza.

— Talvez. Talvez não. — Mexe numa caracol loiro com os seus dedos, às voltas.

— Oh, vá lá! Está mais do que garantido. Fazes ginástica desde os seis anos. Vais estar naquela equipa.

— Devias fazer testes a algo também — diz ela.

— Claro — respondo. — Talvez para a equipa de *cheerleaders*.

— Sim, estou-te a ver lá — diz ela, com ar sério.

Rebento a rir.

— Oh, cala-te! Não vêes nada! Sou a pessoa menos flexível na história do mundo. Além disso sou muito baixa. Aquelas raparigas são gazelas. Tu ficas como a atleta, e eu como... — A minha voz perde a firmeza. Não sei o que vou ser. — Porque não tentas tu a equipa de *cheerleaders*?

— Pois, pois... — diz ela.

— Porque não? — pergunto.

— Antes de mais, não sei se se pode estar ao mesmo tempo na equipa de ginástica e na claque. Conflitos em viagem. E depois, não sou bonita o suficiente para ser uma *cheerleader*.

— Ai és, és! — digo-lhe, dando-lhe um toque no braço.

— Não sou nada — diz ela, a abanar os caracóis.

A Karin nunca admite que é bonita, mesmo apesar de o ser. Diz “o meu nariz é muito largo e torto” ou “os meus olhos são muito afastados” ou “não tenho mamas”, ainda que o nariz esteja muito bem, os seus olhos tenham um espaçamento normal e um 34B não seja propriamente nada. Eu sou 34B, faz favor.

— És, és — digo-lhe.

— Bem, tu também és — diz ela.

— Claro que sou — digo ao mesmo tempo que, com um gesto melodramático da cabeça, atiro o meu cabelo para trás. Depois dou uma risada. Não é que pense que sou linda ou assim, mas não sou insegura acerca disso. Tudo bem, tenho borbulhas na testa e no nariz, mas e depois? Quem não tem? Sinto-me bem com o meu aspecto. Ou vou-me sentir depois de tirar o aparelho dos dentes.

— Queres ficar a vê-los? — Talvez olhar para rapazes bonitos a anime um pouco. A mim costuma animar.

— Só um pouco. Mas depois tenho de ir com a minha mãe ao centro comercial. Preciso de ténis novos. Queres vir? Oferecemos-te um Cinnabon.

Não estava a planear ficar por ali sozinha.

— Força.

A Karin aponta para a Celia King, que está sentada nas bancadas de madeira.

— A Joelle conseguiu que fossemos convidadas para a festa dela hoje à noite.

— A sério? — pergunto, impressionada.

— Sim.

— A Celia é tão brilhante — digo. — É como se resplandecesse.

— Troquem! — grita o árbitro no campo, e todos os que estavam a jogar começam a correr. Um novo grupo de rapazes substitui-os.

Karin agarra-se à cerca e inclina-se para trás.

— Então queres vir à festa?

— Claro — digo. — Ainda bem que os teus pais são amigos dos da Joelle. Porque ela tem bons contactos, não há dúvida.

— Sim. Sei que às vezes é um bocado mandona, mas é com boa intenção.

— Eu gosto dela — digo. — Gosto da Tash também. Ao início julguei que era algo snobe, mas acho que é só tímida.

— Eu sei. É porque é tão bonita. Com uns toques...

— Nem te atrevas. Vou contar-lhe o que fizeste às minhas franjas.

— Isso foi na 3.^a classe.

— Tens sorte eu ter-te perdoado.

Karin sorri de forma maliciosa.

— Não lhe vou pôr as mãos. Prometo. Sabes, parece que a Tash é assim um génio científico.

— A sério? Temos aula de química juntas. Ainda não disse grande coisa.

— Eu a ti escolhia-a como parceira de laboratório. A Joelle disse-me que a mãe dela morreu de leucemia quando ela andava na escola primária e que agora o objectivo dela é ser oncologista quando crescer para curar o cancro.

— Isso é tão... triste. Fico impressionada por ela ter um objectivo. É melhor do que o meu, que é conhecer rapazes giros e não ficar com queijo preso no meu aparelho.

— Então, hoje à noite — continua a Karin — encontramos-nos na casa da Tash às oito e depois vamos a pé. A Celia vive no Monte Woodrove.

— Que luxo. — Mount Woodrove é uma das zonas mais caras da cidade.

Vemos um caloiro enorme, com pêra, bater a bola e enviá-la a voar em direcção aos limites do campo. Mas espera! O rapaz giro, do cabelo espetado, com o sorriso fabuloso, em que reparei nos corredores vai a correr atrás da bola. Veste uma camisola de basebol preta e vermelha e corre para trás para tentar agarrar a bola, a sua luva acima da cabeça.

Agarrou-a, agarrou-a, agarrou-a — salta e tenta apanhá-la — não a agarrou.

A bola passa por cima do seu cabelo espetado. Quilómetros acima. Tal como eu, está no lado errado da altura certa, e quando salta acaba por cair para trás e aterra de rabo. Au! O Espetadinho levanta-se rapidamente, corre atrás da bola, agarra-a e atira-a para a segunda base, mas é tarde demais.

— Salvo! — grita o árbitro.

O Espetadinho abana a cabeça em sinal de derrota, mas está a sorrir. Um sorriso enorme, largo, que faz duas covinhas que me deixam derretida.

— Tudo bem? — pergunta-lhe Jerome Cohen, o terceiro *baseman*. Em vez de uma camisola de basebol, tem uma t-shirt velha dos Foo Fighters e calças de ganga rasgadas.

O Espetadinho saúda-o.

— Tenho praticado aquela jogada toda a semana.

O Cohen ri-se.

— Sabes quem é aquele? — pergunto à Karin. As calças dele estão todas sujas, a sua camisola está um desalinho, mas as suas faces estão avermelhadas e ele está a rir.

— Jerome Cohen — diz ela. — É o tipo por quem a Joelle tem uma paixão.

— Não, *esse* eu conheço. Está na minha aula de matemática. O outro, o que deixou cair a bola.

— Ryan. Andou no Liceu Carter. Não, desculpa. É Bryan. Bryan Sanderson.

Olá, Bryan Sanderson.

Capítulo Três

Sexta-feira, 23 de Maio • • • Último Ano

Depois do meu dia horroroso no centro comercial, deposito o telemóvel avariado na minha mesinha de cabeceira, deixo as minhas calças de ganga estupidamente desconfortáveis e agora a cheirarem a lixívia no meio do chão, lavo a gosma verde das minhas pernas na banheira e ponho umas calças de fato de treino. Depois passo pelo escritório do meu pai para o cumprimentar.

— Olá, Pai.

Está sentado, e veste o seu robe castanho. Os pés, calçados com chinelos, estão em cima da secretária. Chinelos do Rato Mickey. Fomos à Disneylândia quando eu tinha sete anos. Não é que me lembre das últimas férias em família a sério que tivemos, mas vi a foto em cima da lareira da sala.

— Olá, querida — diz ele, coçando a parte de trás da cabeça, já quase cheia de cabelos brancos. — Como foi o teu dia de folga especial das aulas?

Teria sido melhor se tivesse alguém com quem aproveitar a folga.

— Uma seca. E o teu dia, como foi?

— Foi bom.

Não parece que esteja bem. Está a precisar de umas cores no rosto. E de uma ida ao ginásio. Uma embalagem vazia de piza está em cima da secretária.

— Quando é que a mãe volta?

— Mais logo — diz ele sem levantar a cabeça.

— Algum anúncio de emprego? — pergunto, espreitando para o tabuleiro de xadrez no monitor do computador dele.

— Hoje nada.

Regresso ao meu quarto, fecho a porta, e decido que chegou a hora de deitar fora tudo o que me lembre do Bryan, a começar pelas fotos encaixilhadas que tirámos com a máquina que lhe comprei e que agora está avariada. Vou deitá-las no caixote do lixo, uma a uma, como se estivesse a cumprir um ritual de exorcismo. São caixilhos baratos de plástico, de qualquer forma. Respiro fundo. Aqui vai. O Bryan e eu num restaurante chinês no dia dos quinze anos dele. Lixo. O Bryan e eu na roda gigante Ferris na feira popular de Florence. Lixo. Eu sentada no colo dele no dia dos meus dezasseis anos. Lixo. O Bryan num baloiço. Lixo. O Bryan e eu no dia em que tirei o aparelho dos dentes. Os meus dentes brancos e brilhantes ocupam quase toda a foto. O Bryan e eu vestidos de vampiros no Halloween. Foi há sete meses apenas. Não tínhamos planeado mascarar-nos, mas depois vimos uns dentes de plástico mesmo ridículos numa loja e pronto! Cobrimos a cara com pó de maquilhagem branco, fomos de carro até à casa dos primos dele e oferecemo-nos para ir com eles bater às portas e pedir guloseimas. Comeram demasiadas SweeTarts e vomitaram no banco das traseiras do Jetta azul do Bryan.

Talvez guarde esta por agora, dado que me lembra vómito.

O Bryan tem cópias de todas estas fotos. Coloquei-as num álbum e ofereci-lho no dia de anos dele. Era um belo álbum. Meteu caligrafia e tudo. Diverti-me à brava a fazê-lo. Uma perda de tempo. Já deve estar no caixote de lixo dele.

Que mais me deu o Bryan?

A minha televisão. Deu-ma quando o pai e a madrasta lhe ofereceram uma nos anos, sem saberem que a mãe dele já lhe tinha dado uma no ano anterior. Não é propriamente algo que possa deitar fora assim de qualquer maneira.

Remexo na pulseira que ele me ofereceu no nosso primeiro ano juntos. Tem cinco corações de ouro branco ligados por uma fina corrente de ouro branco. Não posso deitar fora joalharia, pois não? Talvez pudesse vendê-la. Devia ao menos tirá-la. Mexo no fecho em forma de garra de lagosta mas sem efeito. Fantástico. Preciso que uma amiga me ajude a tirá-la. Tenho de ir a casa de uma amiga ou pedir-lhe que me leve às compras ou que venha a minha casa para vermos filmes tristes, mas... não tenho amigas. É patético, não é?

Costumava ter amigas, mas já não tenho nenhuma. Não falei com nin-

guém durante todo o dia, a não ser o meu antigo patrão e o meu pai. Ah, e com uma rapariga mais nova horrível que pensa que é eu.

Porque haveria alguém de querer ser eu? A minha vida é uma treta. A não ser que o nome dela seja mesmo Devorah Banks. Talvez haja outra. E talvez as nossas linhas se tenham cruzado quando deixei cair o telemóvel na fonte. Sim. Só pode ser isso. Sento-me ao computador e pesquiso o meu próprio nome na net. Há 105 resultados. Doutora Devorah Banks! Advogada Devorah Banks! Quem diria? Portanto apenas cruzei de linhas com outra Devorah Banks. Pronto, lá está. Problema resolvido. Empurro a cadeira para longe do computador.

Um formigueiro cresce-me na parte de trás do pescoço. Não deixa de ser uma grande coincidência cruzar linhas com outra Devorah Banks, não? E o mais estranho é que a rapariga do outro lado da linha tinha uma voz familiar.

Tinha a minha voz.

Ah! Como se fosse possível! Talvez ter deixado cair o telemóvel na fonte tenha sido como atirar uma moeda. E, afinal, não tinha mesmo acabado de desejar ligar à minha versão de catorze anos?

Empurro a cadeira para trás e para a frente. Ah! Ninguém deixa cair o telemóvel numa fonte e depois liga para alguém que é a versão mais jovem dessa pessoa. Isso é simplesmente ridículo.

Agarro no telemóvel, e olho de forma suspeita para ele. Carrego na tecla de chamada. Toca e depois vai para o meu voice mail. O meu voice mail?

“Oi, aqui a Devi. Ando por aí e não posso atender a sua chamada. Desculpe! Deixe os detalhes do que quer e mal possa ligo-lhe. Xau!”

Bip.

Será que anda alguém a brincar comigo? Só pode ser uma brincadeira de alguém. Até a voz da mensagem é parecida com a minha. Mas não é a mensagem que tenho no meu telemóvel. A minha mensagem é a voz do Bart Simpson a dizer que não posso atender e para não ter uma vaca.

O Bryan adora os *Simpsons*.¹

Talvez um *hacker* tenha entrado no meu telemóvel e tenha gravado por cima da minha mensagem?

Um arrepio percorre-me a espinha. Espera. Eu gravei aquela mensagem. No meu telemóvel. Quando estava no primeiro ano.

Parece uma mensagem simples de gravar, não parece? Mas não foi.

¹ A personagem Bart Simpson, da série animada *The Simpsons*, costumava usar uma frase recorrente nos primeiros episódios: “*Don’t have a cow, man!*” (que equivale a “tem calma!”). (N. da T.).

Levou-me cinco tentativas até conseguir não me parecer com uma idiota a rir. Pronto, oito tentativas.

Pedi à Karin para me ligar e ouvi-la.

— “Tá fabulosa! — disse ela. Era tudo “fabuloso” nesses dias.

Não pode ser a minha mensagem de quando estava no primeiro ano. Como é que essa mensagem ainda poderia estar no meu telemóvel?

Salto da cadeira. Preciso de comer algo. O meu cérebro está obviamente subalimentado. Corro para a cozinha e vejo o que há no frigorífico. Um pacote de leite meio vazio. Fatias de queijo fundido. Maçãs que já viram melhores dias. Não admira que o meu pai tenha uma data de contactos de pizarias no telemóvel dele. Encontro uma lata de Cola ainda morna, uma caixa de Froot Loops já pouco frescos na despensa e deito-me ao comprido no sofá velhinho da sala.

Enquanto mastigo os meus cereais, descubro a solução para o problema do telemóvel. A minha mensagem gravada deve ter sido apagada quando o telemóvel caiu à água. E... e está a passar a que tinha gravado quando o comprei.

Hmmm. A minha teoria explica a mensagem, mas como é que resolve a questão da rapariga que continua a atender as chamadas e a dizer que é eu?

Ah! Talvez tenha ligado para mim mesma, para a rapariga que eu era no primeiro ano. Pois... Impossível!

O meu pescoço começa a ser atacado de novo pelo formigueiro. Mas que se passa?

Talvez eu não seja a melhor juíza no que toca ao que é possível ou impossível. Nunca pensei que fosse possível que eu e o Bryan nos separássemos.

E quem sabe o que é possível ou não? Talvez tenha mesmo feito um desejo. Talvez ele se tenha realizado. Talvez tenha mesmo ligado para mim no passado. Talvez possa continuar a ligar para mim no passado. Bebo outro golo de Cola. Talvez esteja a ficar maluca.

Capítulo Quatro

Sexta-feira, 9 de Setembro • • • Primeiro Ano

Estou na cozinha com a minha mãe, a contar-lhe o meu dia. Ela inspeciona o conteúdo do frigorífico à procura de ingredientes enquanto eu ponho a mesa. Está a preparar galinha com limão, o meu prato favorito.

— Como correu a aula de química? — pergunta ela. — Ficaste perdida outra vez?

— Não muito. — Os corredores na minha nova escola são como um labirinto, mas ela não se está a referir a se me perdi a caminho da aula. Tiro três pratos da despensa.

— Só dois pratos — diz ela, enquanto coloca três peitos de galinha em cima da base de madeira para os cortar. — O pai ficou retido no escritório. Eu aqueço-lhe a comida mais tarde.

Surpresa. Volto a por um dos pratos na despensa.

— Nunca fui boa a ciências — continua ela. — Talvez o teu pai te possa ajudar.

— Quem sabe, se ele chegar a casa a tempo — digo baixinho.

Ela suspira.

— Não comeces. Ele anda com muito trabalho.

— Há cinco anos seguidos que ele anda com muito trabalho — digo. — Seja. Tu nunca és dura com ele.

— Sou, sim — diz ela. — Viste a fotografia que acabei por imprimir do nosso jantar de aniversário? Pu-la em cima da lareira.

Deixo o guardanapo de pano que estava a dobrar e vou ver a foto brilhante de vinte-por-vinte e cinco na moldura prateada junto à foto da Dis-

neylândia e a uma data de fotos de mim e da Maya. Eu e a Maya com vestidos às bolinhas de cor púrpura exactamente iguais. Eu a Maya abraçadas e metidas numa das camisolas de lã do pai. Na foto do aniversário, o pai está algo pálido e magro, mas a mãe está com um aspecto fabuloso num vestido preto decotado. Espero ter um aspecto assim quando tiver a idade dela. As minhas roupas ainda lhe servem.

— Muito jeitosa — digo-lhe.

Ela estira um pedaço de galinha em cima da base e corta um bocado de gordura.

— E então, como correram as coisas no centro comercial? — pergunta.

— Compraste alguma coisa?

— Um novo verniz. Cor de ameixa. Bonito, não é? — tiro-o do saco para ela ver. — E o que é que *tu* fizeste hoje?

Corta, corta.

— A Karin encontrou sapatos?

— Sim. Sabes, mãe, hoje havia uma Feira de Emprego no centro comercial, perto da zona de restauração. Havia stands de farmacêuticas, de companhias de cosmética e telemarketing. Estava a pensar que devias passar lá este fim-de-semana e ver se há algo que gostasses de fazer.

— Queres que te prepare algo para ires comendo? — pergunta ela, ignorando o que lhe disse.

— Eu preparo — respondo-lhe, e abro a despensa.

— Nada de doces — brinca ela.

— Haha. Temos FrootLoops?

— Porque é que não comes umas uvas? Acabei de lavá-las?

Abro o frigorífico e retiro uma taça com uvas pretas, arrancadas uma a uma do cacho. Alguém anda com demasiado tempo livre para ocupar.

— Voltando ao assunto do teu emprego...

Ri-se de novo.

— Devi, não tenho tempo para um emprego.

— Claro que tens. Percebo que tenhas querido ficar em casa quando éramos pequenas, mas agora estou só eu aqui e já me desenrasco muito bem. O pai nunca cá está, por isso não precisa muito que tomem conta dele. Precisas de um trabalho. Ou então alguns hobbies. Porque não passas lá?

— Porque não quero trabalhar em telemarketing — diz de forma rígida. — E já tenho um hobby: a cozinha.

— Um que não seja cozinhar — digo-lhe. Sento-me na cadeira da cozinha e tiro do saco o meu verniz novo.

O meu telemóvel toca. Pouso o verniz, ainda por abrir, e olho para o nome de quem chama. É ela. Outra vez.

— Não te vais meter a pôr verniz nas unhas em cima da nossa mesa de madeira nova, pois não? — pergunta a mãe.

Apanhada.

— Hmm...

— Porque é que não cortas um pedacinho de queijo Gruyère para acompanhar as uvas?

O telemóvel toca de novo.

— Porque essa coisa aí é uma arma. Fazes ideia de quantas vezes cortei o dedo com isso?

O telemóvel toca uma terceira vez.

— Porque não atendes? — pergunta a mãe.

Vou ter de dizer à Maluca para deixar de me aborrecer.

— Sim — atendo.

— Devi — diz a rapariga. — Não desligues!

— Espera um pouco — digo-lhe. Agarro no frasco de verniz, corro para o meu quarto e fecho a porta. — O que queres?

— Estou confusa — diz ela. — E estou à espera que me possas explicar. A mensagem no voice mail do teu telemóvel era a *minha* mensagem!

— Hã? — A Maluca Rezingona não diz uma para a caixa. Sento-me à minha secretária, entalo o telemóvel entre o ombro e o ouvido, abro o meu novo frasco de verniz e aplico-o nas unhas da mão esquerda.

— A que gravaste no teu voice mail! “Oi, aqui a Devi!” — diz ela, com uma voz ainda mais aguda, no que me parece um esforço para se parecer comigo. Se bem que, e isso é que é *muuuuito* estranho, a voz dela se pareça já muito com a minha. — Essa era a minha mensagem!

O quê?

— Tens a mesma mensagem no teu voice mail?

— Tive. Há três anos e meio.

— Hmmm... OK.

No meu pescoço recomeça o formigueiro. Ignoro-o e aplico o verniz cor de ameixa na unha do meu dedo mindinho.

— Tens de me dizer a verdade — insiste ela. — És mesmo a Devi Banks?

— Sou.

— Está no primeiro ano do Liceu?

— Sim.

Próximo dedo.

— No Liceu de Florence West?

— Sim.

Pelo menos, há duas semanas. Não é que eu vá dar qualquer informação a esta chanfrada. Começo a sentir borboletas no estômago. Esta rapariga é louca. Incrivelmente louca.

— Isto é de loucos — diz ela. — Incrivelmente louco.
Agora a mão começa a tremer-me.
— Posso desligar agora? — consigo balbuciar. Acabo de pôr verniz em cima do dedo. A Maluca está a atrapalhar-me a concentração.
— Não! Que horas são? Sete?
Rodo cuidadosamente o pescoço para espreitar o mostrador do despertador sem deixar cair o telemóvel.
— Sim. Sete e quatro minutos.
— Aqui também. Isto é de loucos! E que horas eram quando te liguei hoje pela primeira vez?
— Hmm, horas do almoço?
— Foi hoje, não foi?
Isto já é demais.
— Pronto. Tenho de ir.
— Não! Espera! Tudo bem, sei que devo parecer uma psicopata, mas...
Devi?
— Sim — digo. Psicopata? A rapariga já devia estar num manicómio.
— Esse ainda é o meu nome.
— Isso. Olha, eu estive no centro comercial e deixei cair o meu telemóvel na fonte. E tinha estado a pensar em todas as coisas que poderia dizer a mim mesma no passado. E agora estou a falar contigo.
— Mas de que raio estás tu a falar? — digo lentamente. Até desligava, devia desligar, mas ela soa-me tão familiar.
— Não vês? — diz ela, como se rebentasse de entusiasmo. — Tenho quase a certeza de que eu sou tu. No futuro.

Capítulo Cinco

Sexta-feira, 23 de Maio • • • Último Ano

Mas que estranho!

Salto da cama e começo a andar de um lado para o outro em cima da alcatifa.

— Alô, minha versão em caloirá? Estás aí? — Porque é que não diz nada? — Eu sei, precisamos de testar isto. Talvez pudesses rasgar um pouco do papel de parede, ou algo assim, para eu ver. Ou deixar-me uma nota. Posso estar enganada quanto a isto, claro, mas não acho que esteja.

Nenhuma resposta.

— Alô?

— Diz — responde ela. — Entornei o meu verniz das unhas na alcatifa.

— Ai sim? — pergunto, com o coração aos saltos. — Onde?

— Junto à minha secretária — suspira ela. — A minha mãe vai-me matar.

Ajoelho-me e examino a área à volta das pernas da secretária. Meu Deus. Há uma mancha castanha em forma de ampulheta na alcatifa. Uma mancha que não estava ali antes! Ela é mesmo eu!

— Estou a vê-la! — grito. — Estou a ver a mancha! Entornaste o verniz e eu estou a vê-lo! — Juro que aquilo não estava ali há cinco minutos! É ela! É mesmo ela! Quero dizer, sou eu! Sou mesmo eu! O meu cérebro está a girar. Não só liguei para mim mesma no passado, como, se de facto consigo ver esta mancha, parece que as acções no presente dela afectam o meu presente. — Sabes o que isto significa?

Silêncio.

— Alô? — pergunto. — Estás aí?
— Estou.
— Acreditas em mim?
— Sim, claro — diz ela. — Então, como é que eu sou no futuro? Há carros voadores?
— Que bem que acreditas em mim! Não estava segura de como ias, quer dizer, eu ia reagir. Quer dizer, sei que é difícil acreditar nisto, mas que outra explicação pode haver? Tens de admitir que as nossas vozes são parecidas, não são? Bem, não tão parecidas assim, dado que a minha é mais madura, mas ainda assim são muito parecidas. E se eu consigo acreditar em algo assim, tu também consegues porque tu és eu. Uau! Mas, respondendo à tua pergunta, não há carros voadores. Só passaram uns anos. Estou só no último ano do Liceu. Que dia é aí?
— Sexta-feira, nove de Setembro — guincha ela.
— A sério? Que loucura! Nove de Setembro do primeiro ano do liceu?
— Hmm... Sim.
Isto parece saído do filme *Um Dia de Doidos*.²
— Aqui também é sexta. Fim de Maio.
— Claro que sim! — diz ela numa voz súper animada. — E onde é que “aqui” é exactamente?
Deve ser confuso para ela também.
— Quatro anos mais tarde! Na verdade, três e oito meses. Estou no último ano.
— Pois...
— Hmm, porque será que te apanhei logo numa sexta de Setembro? Sinto as mãos frias. Não acredito no que está a acontecer. Eu sei o que hoje é para ela.
— A festa da Celia é hoje à noite, não é?
Uma pausa.
— Tu conheces a Celia?
— Claro que conheço! Ainda ando na escola com ela. Infelizmente. Então, a festa dela é hoje à noite, não é? É?
— É...
Meu. Deus. Agora sei como pôr isto *mesmo* à prova. Sei o que tenho de fazer. Vou mudar o passado. Vou pôr tudo certinho.

² No original, *Freaky Friday*, o título de uma comédia em que uma mãe e a sua filha trocam de personalidades: a da mãe passa para o corpo da filha e vice versa. Originalmente produzido em 1975, o filme teve um remake recente com Jamie Lee Curtis e Lindsay Lohan.

— OK, então ouve — digo cuidadosamente, sentada na minha cadeira junto à secretária. — Não vás.

Tenho um plano. Pela primeira vez em quatro anos, tenho um plano. E brilhante!

— Desculpa?

— Não vás à festa — repito. — Fica em casa. A ver televisão. Não! Põe antes ordem no teu armário. Vais mudar tudo para nós as duas.

— Tá. Tudo bem. Tenho de ir agora. Tenho uma chamada em espera.

O quê? Estamos numa conversa importante! Porque haveria ela de querer atender outra chamada? Que chamada poderia ser mais importante do que uma feita por nós e vinda do futuro?

— Quem é? — pergunto, incrédula.

— A minha irmã — diz ela.

— A Maya? A sério?

— Como é que sabes o nome da minha irmã?

Rio. A Maya a chamar! Uma Maya mais nova, claro. Deve ser uma Maya mais nova, porque a última vez que me lembro de desejar falar com ela foi talvez há três anos e meio. Enfim, não é bem assim, mas é quase como se fosse.

— Tudo bem, fala com ela enquanto podes. Ligo mais tarde.

A minha versão em caloiria não responde, mas não faz mal. Está ainda a absorver toda esta informação. Quanto tudo tiver sido absorvido, então sim, vai ter uma data de perguntas a fazer.

O que vem a calhar, porque eu tenho todas as respostas.



Cerca de uma hora depois de desligar o telemóvel, a minha mãe bate à porta e abre-a.

— Como vai isso? — pergunta ela, com ar preocupado. Traz ainda a roupa do trabalho: calças pretas e blusa branca. O botão das calças já está desapertado. É a primeira coisa que faz quando chega a casa. Isso e comer os restos da piza do meu pai. Hoje em dia, as coxas dela não cabiam nas minhas calças de ganga.

É óbvio que não vou contar-lhe acerca do meu telemóvel mágico. Iria pensar que a separação do Bryan me tinha deixado doida.

Abro o meu roupeiro e finjo estar a inspeccioná-lo.

— Estou algo ocupada agora — digo-lhe.

Ela suspira.

— Bem, se quiseres falar, estou na sala.

Tradução: vai-se plantar no sofá a ver o canal de programas de culinária, como sempre.

Dez minutos mais tarde, toca o telefone de casa, e ouço a minha mãe a levantar o auscultador. Depois grita na direcção do andar superior.

— Devi! Telefone!

O meu coração pára. Para mim? O meu telemóvel está avariado... Será que é?...

— Quem é? — pergunto enquanto me levanto.

— A Maya!

Oh. A Maya. A mãe deve ter-lhe dito do Bryan. Aposto que a Maya agora vai desferrar-se — que ela é que tinha razão, que a minha vida não devia ser à volta do Bryan, blá, blá, blá. Atendo na extensão do meu quarto.

— Acabo de saber a novidade — diz ela. — Queria apenas dizer-te que, se calhar, foi melhor assim.

Rolo os olhos.

— Obrigado, Maya. É mesmo o que preciso de ouvir agora.

— Não, a sério, Dev. Já era tempo de estares de novo a contar contigo mesma. És demasiado nova para te ligares a sério com um tipo.

Bem, não te preocupes, Maya. Em pouco minutos, o caso Bryan nunca terá acontecido. Por causa do meu plano brilhante.

— Precisas de explorar as tuas opções — continua a Maya.

— Não fazia ideia de que eras uma especialista em namoros — digo, de forma algo maldosa.

— Não estou a dizer que seja uma especialista, estou apenas a dizer que...

— O quê?

— Deixa lá. Se vais gritar comigo, podes chamar a mãe de novo ao telefone?

— Não estou a gritar — digo de forma muito calma.

Há uma longa pausa. Quando é que as coisas ficaram assim tão estranhas entre nós as duas, afinal?

— Então, a fazer as malas? — pergunto, tentando mudar de assunto. — Entusiasmada com a viagem?

— Estou mesmo entusiasmada. Nervosa acerca da faculdade de direito, mas súper animada por ter algum tempo para viajar. O que vais fazer este Verão? Agora que já não estás com o Bryan, queres vir comigo à Europa?

Estarei a alucinar ou a voz dela perde mesmo um bocadinho da sua segurança quando ela me faz essa pergunta? Não pode estar nervosa por me perguntar isso... ou pode?

Claro que não. O mais certo é nem estar a falar a sério.

— Pois, pois. Como se a mãe e o pai me deixassem ir contigo de mochila às costas pela Europa fora.

— Comigo deixavam. Talvez não todo o Verão, mas por umas semanas. Podias ir ter comigo a Itália. Conheceres a verdadeira Florença.

Imagine-se, a Maya e eu a viajarmos de comboio pela Europa, acordadas até tarde em pousadas da juventude, a inventar canções e a cantar como desalmadas em países estrangeiros... ainda que o mais certo fosse ela acabar por passar o tempo a dar-me nas orelhas. Que andava a namoriscar com demasiados rapazes, que não ligava o suficiente aos museus, etc, etc.

— Não sei.

Umhas semanas sozinha com a minha irmã? Ainda acabávamos por querer estrangular-nos uma à outra.

— Estava a pensar em...

Sair com o Bryan. Trabalhar algum tempo na Bella.

— Estás a poupar para poderes entrar numa residência?

— Estávamos... — Paro a meio da frase. O Bryan e eu falámos sobre a possibilidade de um dia arranjarmos um sítio para viver fora da universidade. — Talvez... — acabo por dizer.

— Ias adorar a residência de estudantes. Diverti-me tanto no meu primeiro ano na universidade!

— Tá, pois, mas não sei se as residências em Stulen são assim tão boas.

— Podias sempre pedir a transferência. Podes esforçar-te um pouco mais nas tuas notas agora que já não tens o Bryan por perto.

— Brigadinho, mamã. — Não que a mãe me pergunte sobre as minhas notas. Não. Só mesmo a Maya. Fecho os olhos.

— Olha, tenho de ir.

Não quero passar a próxima hora a ouvir sobre todas as formas em que estou a destruir o meu futuro. Sobretudo porque já tenho uma forma de compor as coisas. Com o meu plano brilhante.

— Tudo bem. Tenta só não ficares obcecada pela separação do Bryan.

— Não vou ficar — prometo-lhe. Porque desde que a Caloira não vá á festa da Celia, eu vou separar-me dele primeiro.

Capítulo Seis

Sexta-feira, 9 de Setembro • • • Primeiro Ano

— Sorriam! — ordena a Joelle, segurando a máquina fotográfica e apertando-me e à Tash, à Karin e a ela própria para dentro do enquadramento. — Pronto, vamos embora — diz ela, depois do disparo do flash. Caminha a passos largos em direcção à *enooorme* casa da Celia.

— Espera! — grita a Karin, agarrando o meu braço. — A minha maquilhagem está bem?

— Perfeita — respondo-lhe. — E a minha?

— Fab'losa. O batom da minha mãe fica-te súper bem.

Respondo com um sorriso enorme e falso.

— Torna o meu aparelho mais ou menos visível?

— Menos. Sem dúvida. E o meu hálito? — e expira.

— Cheira a menta. E o meu? — e expiro.

— Como um dia fresco de Outono.

— Vocês as duas são sempre assim picuinhas antes das festas? — pergunta a Tash, ajustando os óculos. Veste a mesma roupa que usou durante todo o dia na escola: calças de ganga e uma camisola preta.

— Somos — respondemos ao mesmo tempo, e damos o braço uma à outra. É o nosso ritual pré-festa.

A Joelle endireita os ombros, faz uma pose podre-de-boia no seu vestido vermelho míni e toca à campainha. Não aprecio muito o vermelho. Mas a Joelle sabe usá-lo.

— Queres fazer um teste ao hálito? — pergunta a Karin à Tash enquanto nos chegamos umas às outras em frente à porta.

— Dispensó.

Dado que ninguém vem abrir, a Joelle leva a mão ao puxador. A porta abre-se para um salão de entrada em mármore cheio de alunos do Florence West — alguns conheço, a maioria não. O Harry Travis está junto ao Kellerman e ao Sean Puttin nas escadas. Os olhos do Harry são súper azuis, e as faces são súper rosadas. Um pão. O Sean põe o colarinho para cima. Está súper beto — parece sempre que está preparado para jogar ténis. E o Kellerman deve ser o único na sala que tem calças de fato de treino em vez de calças de ganga.

Olho em volta da sala, à procura do Bryan.

— Joelle, Tash! Oi! — diz a Celia, deslizando até nós numas calças de ganga de cintura baixa e um top sem alças. — Joelle, parece que vieste a uma festa de Natal! Adoro! E Tash! Que bom que estás aqui. Os meus pais têm o álcool todo por cima do frigorífico e aqui ninguém tem altura para lá chegar.

— Oi, Célia — diz a Tash, de forma seca. — Já conheces a Karin e a Devi?

A testa dela enruga-se.

— Debbie?

— Devi — respondo.

— Isso é um nome?

— É diminutivo de Devorah — explico-lhe, e sinto as faces a corar.

— Adoro! — diz ela, a rodopiar e a brilhar. Está mesmo a usar purpurina nos ombros. Depois vira-se para a Karin.

— Adoro o teu cabelo. Aposto que ficava o máximo se o alisasses.

— Hmm... obrigado? — responde a Karin sem muita certeza.

A Celia sopra um beijo na nossa direcção e desaparece algures na sala.

— Tenho o cabelo muito encaracolado? — sussurra-me a Karin, de sobrolho franzido.

— Não lhe ligués — diz a Tash, e fecha a porta atrás de nós. As luzes estão baixas, o R&B vem aos berros da aparelhagem, e devem estar no mínimo uns 38 graus ali dentro. Dispo a minha camisola e empurro-a para dentro da minha mala. Espero, apesar de toda a loucura desta noite, ter-me lembrado do desodorizante.



Nem sequer tinha a certeza se devia ir à festa depois daquela chamada a gozar comigo.

Que tipo de pessoa horrível, nojenta, liga a uma rapariga e lhe diz para ficar em casa e organizar o seu roupeiro em vez de ir a uma festa?

A Maya lá acabou por me convencer a ir.

— Deve ser alguém que não foi convidada para a festa e não quer ser a única a ficar em casa. — E insistia comigo: — Ignora-a. Vá. Deixa de atender as chamadas dela.

E aqui estou. Dou sempre ouvidos à Maya. Ela é a esperta. Eu sou a bonita. Ela sai ao meu pai, eu saio à minha mãe. Não que seja bonita ao estilo do Florence West. Mais ao estilo dos Banks.

A Maya detesta que diga que ela é a esperta.

— És tão esperta como eu — diz-me sempre. — Apenas precisas de te concentrar na escola e não nos rapazes.

Sinto a falta dos conselhos dela no quarto ao lado. Durante a nossa curta conversa antes da festa, o meu estômago doía ao som da voz dela.

— Quando vens a casa para um fim-de-semana? — perguntei-lhe.

— Outra vez? Ainda aí estive há pouco.

— Mas tenho saudades tuas! O pai e a mãe não conseguem inventar letras novas para canções e cantá-las aos berros no quintal das traseiras.

— Então vem cá visitar-me. Queres cá vir no fim-de-semana do Dia de Colombo? Parece que aqui na residência dão festas loucas, com uma data de rapazes giros — acrescentou, a rir.

— Sim! — gritei.

— Vamos ver se se arranjam bilhetes — prometeu, antes de dizer que tinha de desligar para se preparar para uma festa.

Fiquei a desejar que arranjasse um rapaz giro. No ano passado, espreitei o diário dela — não o devia ter deixado debaixo do cobertor se não queria que eu o lesse — e descobri que nunca tinha beijado um rapaz nos lábios.

E eu já tinha beijado dois rapazes nos lábios.

Talvez a Maya arranje um namorado na festa dela.

Vou atrás da Tasha em direcção à sala.

Talvez eu arranje um namorado *nesta* festa.

Estou sentada no sofá da Celia, à vontade, a rir, a soltar as minhas risadas, enfim, quase a pôr um pedaço de tortilha com molho na boca quando ouço:

— Oi, Sands!

O Bryan Sanderson, o jogador de basebol, mediano mas com garra, com o cabelo espetado e um sorriso fabuloso, está junto à porta de entrada na sala. Tem umas calças de ganga coçadas e uma t-shirt azul suave por cima de uma com mangas maiores e de cor cinzenta.

No momento em que o meu estômago se contrai, o pedaço da tortilha consegue libertar-se dos meus dedos, passa por entre as minhas pernas e vai aterrar no sofá da sala.

O sofá de camurça branco da Celia.

Splat! Ó. Meu. Deus! Porque raio alguém com um sofá de camurça branco se põe a servir molho mexicano? Se eu tivesse um sofá de camurça branco, só servia comidas ligeiras brancas, como creme de cebola francesa e couve-flor. Melhor, gomas. Servir molho é mesmo estar a pedi-las! E quem é que tem um sofá branco? E se tivermos sujidade nas calças de ganga? Ou uma caneta sem tampa no bolso das calças? E aí, como é?

Não, não, não. Não posso culpar a vítima, ou seja, o sofá, pela minha incapacidade de comer e olhar para um rapaz giro ao mesmo tempo.

O que é que faço, o que é que faço?

Fecho as pernas e mantenho-as elevadas, para não alastrar a nódoa, e penso no meu próximo passo. Pôr-me em pé e tentar limpar o sofá? Fazer de conta que não é comigo? Contar à Celia?

Respirar fundo. *Respirar fuuuuuuuuundooooooo*. Em primeiro lugar tenho de saber ao certo qual a extensão dos danos. Talvez tenha sido imaginação minha. Talvez tenha comido o bocado de tortilha e nem tenha dado por isso, por causa do molho, que era tão sem sabor. Foi isso!

Abro de novo as pernas e espreito. Não! O pedaço ainda lá está, plantado na almofada do sofá como uma bandeira. De forma muito discreta, passo a mão por baixo da perna e pego nele, enquanto rezo para que não tenha ficado molho para trás. Ficou?

Há uma nódoa vermelha no sofá, em forma de bolinho da sorte chinês.

Chiça.

Olho para cima, a tentar ver se alguém reparou no desastre.

— Não é ridículo? — diz a Joelle, a abanar os braços. A Karin ri e abana com a cabeça, e a Tash está calmamente a mastigar um amendoim.

Porque é que não comi um amendoim?

Nenhuma delas está a prestar atenção ao que faço. Ninguém, do milhão de outras pessoas aqui, parece ter reparado em mim. Talvez o aparelho dos dentes me dê o super poder da invisibilidade.

— Karin — sussurro, mas ela não ouve.

Mas o Bryan Sanderson — o Bryan Sanderson giro e desportivo — está a olhar mesmo para mim. A olhar para mim e a fazer caretas. Fantástico. Ainda nem fomos apresentados e já consegui repugná-lo.

— Vi tudo — diz-me.

Tenho a certeza de que as minhas faces estão da cor do molho mexicano, mas consigo responder-lhe.

— Que é que faço?

Ele levanta o dedo indicador.

— Fica aí — diz-me, e sai da sala pela porta lateral em direcção à cozinha.

Aposto que o sofá custou uma fortuna. Toda a casa tem imenso estilo, com soalhos de mármore e candelabros reluzentes. Os King não compraram este sofá no Walmart, isso é certo. Aposto que foi importado de São Francisco, ou de França ou África, ou assim.

E se a nódoa não sair? Vou ter de pagar pelo sofá? Ou então, como não tenho dinheiro nenhum, será que os meus pais vão ter de pagar pelo sofá? Será que vou ter de trabalhar nos próximos vinte anos só para pagar a dívida? Vou ter de deixar a escola e arranjar um emprego? Será que tenho algum tipo de qualificação sequer?

E o Bryan, será que volta? Espero que volte. Não só porque parecia que estava a pensar ajudar-me, mas também porque é tão giro.

Fico à espera dele, parada no mesmo sítio, com medo de me mexer e provocar ainda mais estragos. Pouco depois, o Bryan regressa, com uma garrafa de água nas mãos, como se fosse um troféu. Sorri.

— Ora sai lá daí.

A única coisa positiva de tudo isto? Dado que o molho nunca me passou pela boca, tenho a certeza absoluta de que não tenho restos de molho no aparelho.

Mexo-me com cuidado, afasto-me para a minha esquerda para ele passar e sento-me de novo, fazendo os possíveis para não me sentar em cima da nódoa. O Bryan senta-se à minha direita. Tem um cheiro fresco e a champô, como daqueles sabonetes que dizem que não têm aroma mas têm.

— Estás pronta? — pergunta-me pelo lado da boca, como se fosse um ventríloquo.

— O que é que tens aí?

— Água com gás de sabor a laranja da Poland Spring. E um guardanapo de pano ensopado em vinagre escondido na minha manga.

— Água com gás de sabor a laranja?

Porque é que o Rapaz Adorável de Cabelo Espetado me está a ajudar? Nem sabe quem sou.

Ele encolhe os ombros em jeito de desculpa.

— Não encontrei a água tónica.

— Mas porquê laranja? Já não há de melancia?

Ele ri-se.

Boa, fi-lo rir!

— Isto é um assunto sério — digo, e depois solto uma risada. A minha risada provocada por rapazes giros é ainda pior do que a minha risada normal.

— Pronta?

— Parece que tens um plano montado.

— Eu não planeio nada — diz ele. — Apenas faço, Devi.

A voz dele tem um nadinha de provocação. Ele sabe o meu nome?
— Sabes o meu nome?
Não era suposto ter dito isto em voz alta.
— Atirei à sorte. Ia arriscar Katie, mas tu tens cara de Devi. De Devi Banks.
Dou-lhe uma palmada — a brincar e, espero, com outra intenção também — no braço. No seu braço musculado. Olá, braço musculado. Tenho de parar de olhar para o braço musculado. Tenho de tirar também a mão do braço musculado.
— O que vou fazer é isto — diz ele. — Vou lavar a nódoa...
Faço-lhe sinal para se calar.
— Não uses a palavra começada com éne!
Ele ri-se de novo. Eu solto nova risada.
— Vou lavar a *descoloração* com um tudo nada de água gaseificada.
— “Nada”. Mais uma palavra com éne — sussuro eu.
— Mas queres que eu ponha água nisto ou quê?
— “Nisto”. Mais uma!
— Assim nem no Dia de São Nunca — diz ele, com os olhos semicerrados.
— Não mudes de assunto e volta lá ao que queres que eu faça — digo-lhe.
— OK. Passo dois: esfregar a descoloração com o vinagre.
Olho com desconfiança para a nódoa, quero dizer, para a descoloração.
— Tens a certeza de que isto resulta?
— Não, mas vi num programa na TV.
— Se viste na TV, então é porque deve resultar.
Ele ri-se. De novo.
Eu solto uma risada. De novo.
Vira a cabeça para o lado e olha para o tecto.
— Acho que era água tónica e vinagre, tenho quase a certeza.
Por mim, tudo bem. Estou certa de que, a esta altura, concordo com tudo o que ele diga.
— Bem, mais vale experimentar.
— Mas como é que vamos fazer isto sem que ninguém note? Achas que deva gritar “fogo!” e fazer com que saia toda a gente?
— Não fiques nervosa... Oops, mais uma palavra com éne. Sou pessimista neste jogo.
— Estás perdoado. Mais uma vez.
— És a maior.
Au! O meu corpo volta a sentir umas tremuras, mas desta feita, são tremuras boas.

Ele desenrosca a tampa da garrafa e leva-a aos lábios.

— Fresquinha? — pergunto. Ele tem lábios bonitos, perfeitos para beijar.

— Muito — diz ele. — A Celia está a servir aperitivos e são muito salgados. Estás a ver? Por isso é que estou a beber água com gás de sabor a melancia.

— Laranja — corrijo.

Se ela tivesse servido aperitivos nesta zona em vez de molho mexicano, nada desta trapalhada teria acontecido. Muito bem, Celia. Se bem que, se isso tivesse sido assim, eu não teria este tempinho a sós com o Bryan para discutirmos métodos de limpeza.

— OK, a tua tarefa é sentares-te mesmo em frente a mim, para que os teus joelhos tapem a visão do que estou a fazer.

Virar-me para ele? Isto está a ficar cada vez melhor.

— Já está.

— Há alguém a olhar para cá?

Sondo os inúmeros rostos de quem está por perto, absolutamente desinteressados em nós.

— Ninguém.

— Cá vai. — Inclina a garrafa sobre a mancha e molha-a. Depois esfrega-a com o guardanapo de pano. — Isto deve chegar.

— Prometes?

Não consigo evitar sorrir — mas tento fazê-lo sem mostrar os dentes. Que ódio tenho a esta coisa!

— Não faço promessas que não tenho a certeza de cumprir. Mas vamos ter esperança.

— Sands! — grita uma voz abafada. — Temos de ir!

O Jerome Cohen está a acenar do outro lado da janela de vidro que separa a sala do pátio.

Não vás, não vás!

O Bryan arqueia as sobrancelhas, num gesto que diz “tens isto tratado, ou achas que devo ficar?”

— Vai lá — digo-lhe. — Eu continuo. Muito obrigada pela ajuda.

Ele é o máximo ou quê? É o máximo mesmo. O máximo dos máximos. Maximíssimo.

Põe-se de pé, estica os braços acima da cabeça, e dá-me um daqueles sorrisos fabulosos. Duas covinhas e tudo.

— Tchau, Devi.

Adoro que ele saiba o meu nome. Respondo-lhe com um sorriso, lembro-me do aparelho, e fecho logo os lábios. E volto a sorrir. Mas que coisa!

Enquanto o vejo a afastar-se, o meu telemóvel começa a tocar. Procuro

o nome de quem me liga e vejo que é o meu número de novo. Desaparece! Mas que quer ela, gritar comigo porque vim à festa? Ainda bem que ela não viu a orgia de molho mexicano no sofá. Ou viu? Devia ignorá-la, como diz a Maya. Desligo o telemóvel. Não quero saber o que a engraçadinha que me anda a ligar tem para me dizer; não vou deixá-la estragar a minha tão adorável, romântica e algo descolorida noite.



O Bryan tinha razão. A nódoa desaparece. Gostava que ele estivesse aqui ainda para lhe agradecer.

Hmm. Será que o método dele resulta com verniz de unhas?

Quando estou já confortavelmente sentada no banco das traseiras do carro do Sr. Caldwell, na minha boleia para casa, ligo de novo o telemóvel. Oito novas mensagens.

“Oi, sou eu! Só queria saber o que andas a fazer. Liga-me.”

Lá volta o formigueiro no pescoço.

A segunda mensagem é de uma chamada não atendida.

A terceira também.

A quarta: “por falar nisso, não sei se consegues ligar-me. Consegues? Ligo-te mais tarde.”

Quinta: “porque não respondes? Onde andas? Tínhamos um plano combinado. Espero que não tenhas ido à festa. Talvez estejas na casa de banho. Quando fores à casa de banho, leva o telemóvel contigo. Tenta ligar-me. Senão ligo-te eu, em dez minutos.”

Sexta: “sou eu! Tenho de falar contigo! Com urgência!”

— Quantas mensagens tens? — pergunta a Joelle, voltando-se para trás para olhar para mim.

— Oito.

— Ui! Espero que não sejam os teus pais.

Quase prefiro que fossem. Apago o resto das mensagens sem as ouvir.

— Obrigada! — digo ao Sr. Caldwell, quando ele pára o carro em frente da minha casa. Quando estou a subir os degraus, o telemóvel toca. É o meu número outra vez.

Já chega! Isto tem de acabar agora mesmo. Atendo a chamada.

— Onde tens andado? — pergunta ela.

— Espera — Como o Sr. Caldwell ainda está à espera, abro a porta de casa, aceno-lhe, entro em casa, espero que o carro se afaste, e então volto para o alpendre.

— O quê? — grito.

— Porque é que foste à festa quando te tinha dito que não fosses? Que é que se passa contigo?

— Como é que sabes que fui à festa? Estavas lá, não estavas? Tu andaste no Liceu Carter?

— Eu disse-te para não ires, mas não me deste ouvidos. Tens de ouvir o que te digo, entendes? Eu sei o que é melhor para ti.

Fico hirta, com arrepios a percorrem-me a espinha. Não sei o que fazer. Chamar a polícia? Olá, senhor guarda. Há uma rapariga que me ordenou que não fosse a casa da Celia e agora está a gritar comigo.

Ela solta um enorme suspiro.

— Bem, acho que agora não vale a pena zangarmo-nos. O que está feito, feito está. São onze e meia, a mesma hora que é aí, o que significa que ele está quase a ligar-te. Quando te convidar para saíres com ele, debes dizer que não.

— Estás a falar de quê?

Com a mão livre, massajo as têmporas. Ela está a dar-me uma valente enxaqueca.

— Podes deixar de me ligar, por favor?

— Não, eu tenho de te ligar! Tenho um plano para nos salvar às duas. Abano a cabeça.

— Qual é o teu problema? Quem és?

— Será que não me ouves? Eu sou tu! No futuro!

Perco a cabeça.

— Isso é impossível! Tu não és eu no futuro! Não és! Não és!

— Sou, e ele vai-te ligar. Mal chegues a casa vinda da festa, ele liga-te e convida-te a sair com ele. Primeiro vai-te perguntar se conseguiste tirar o resto da nódoa do sofá, e depois vai-te convidar para irem ver um filme amanhã à noite. E depois do filme, vão jogar bowling. Ele é obcecado por bowling. Acredita em mim.

Ela é louca e precisa de ser internada imediatamente.

— Ninguém me vai ligar a não ser tu!

— O Bryan vai-te ligar! Daqui a uns segundos!

— O Bryan Sanderson? Ele não me vai ligar. Nem sabe o meu número. Espera lá.

— Como é que sabes da nódoa de molho? Tash, és tu?

A Tash está sempre a captar tudo à volta dela, mesmo quando parece que não está a prestar atenção nenhuma.

— Não sou a Tash! Sou eu! Tu! Ele pediu o teu número à Joelle.

— Que estupidez.

— Devi. O Bryan vai-te ligar. Acredita, acabas de chegar a casa, estás no teu quarto, e o Bryan vai ligar-te dentro de segundos. Eu sei.

— Não estou no meu quarto! Estou junto à minha casa! No alpendre!
E pronto!

Bip.

— É ele — grita ela. — Vê se é ou não.

Isto é ridículo. O Bryan Sanderson não me vai ligar.

— Quero que desapareças. De vez. Adeus.

Atendo a outra chamada.

— Alô?

— Devi? Oi, é o Bryan. O do... — e ri-se — sofá.

Ó. Meu. Deus! É o Bryan! O Bryan? O meu coração começa a bater a uma velocidade sobre-humana e potencialmente perigosa.

— Oi!

— Oi. É muito tarde?

— Não, hmm, não é tarde. — O Bryan Sanderson está a ligar-me! Como é que a Louca Perseguidora sabia?

— Ainda bem. Fixe. O tipo que me dava boleia saiu mais cedo da festa da Celia mas consegui saber o teu número pela Joelle. Aquela rapariga conhece toda a gente, não é?

Estou demasiado chocada para dizer algo. Solto um grunhido. De uma forma muito elegante, como uma senhora.

— Olha, estás por aí amanhã à noite? Queres ver aquele filme, o *101 Possibilities*? Parece que é bom.

Um filme. Ele quer ir ver um filme comigo. Amanhã.

— Pode ser — respondo, chocada pelo facto de ela saber e de ele me convidar. O Bryan! Está! A convidar-me! A mim! Para sair! Amanhã à noite!

Bip.

— Fixe. Perto das oito então? Onde é que vives?

Bip.

É ela. Só pode ser ela.

— Na Sheraton.

Quero saber como ela soube, mas também quero continuar a falar com o giraço do Bryan!

Bip.

— Sei onde fica. Perto do Parque Hedgemonds, não é?

A chamada em espera termina. Deve ter ido para o voice mail.

— Sim, a dois minutos a pé do parque.

— Esse parque tem os melhores baloiços da cidade.

Solto uma risadinha.

— És um perito?

— Gostava de pensar que sou.

Bip.

Ó. Meu. Deus, ela vai continuar a ligar-me até eu atender. Bem, de qualquer forma eu quero saber como ela sabia que ele ia ligar-me. Talvez ele lhe tenha dito? Talvez ela goste dele e esteja com ciúmes?

— Bryan, desculpa, mas tenho mesmo de atender aqui uma chamada. Posso ligar-te amanhã de manhã?

— Podes. Liga-me. Boa noite.

— Boa noite — respondo, tentando soar muito calma, e depois atendo a outra chamada.

— Tu gostas do Bryan, é isso? É por isso que me estás a ligar?

Sim, só pode ser. Alguém me viu a encher os olhos com o Bryan hoje no campo de basebol, deve ter percebido que eu gostava dele e agora quer impedir-me de sair com ele.

— Eu não gosto do Bryan. Quer dizer, eu gostei do Bryan... mas já não gosto. Já não gostamos um do outro. Ele deu cabo da minha vida. Mas não é por isso que te estou a ligar. — Solta um grande suspiro. — Aceitaste o convite dele?

Como se eu fosse recusar.

— Não tens nada a ver com isso — bufo-lhe.

A voz dela fica mais forte.

— Ai tenho, tenho! Tu és eu. Eu sou tu. Somos a mesma pessoa. Não percebes?

— Isso é impossível.

Se ela não gosta do Bryan, porque é que me liga? Quem é ela? Um mosquito vem embater no meu braço e eu sacudo-o.

— Podes esperar um segundo? Quero entrar em casa. Ou podes ligar-me daqui a bocado. Ou então eu posso ligar-te. Posso?

Se a Louca Perseguidora me der o número dela, posso bloquear as chamadas dela.

— Acho que não dá. Eu espero.

Abro a porta, tiro os sapatos e vou pé ante pé pela casa adentro. Paro quando vejo a luz da cozinha acesa.

— Oi?

— Sou eu — diz o meu pai, pondo a cabeça de fora. — Estou só a comer qualquer coisita.

Tem ainda o fato e a gravata vestidos e tem um prato de frango com limão na mão. Tem os olhos cansados, como se tivesse passado as últimas 24 horas à frente de um computador. O cabelo dele começa a ficar grisalho. O trabalho anda mesmo a dar cabo dele. Os papos por baixo dos olhos são enormes, e o fato fica-lhe largo. Anda a precisar de mais pratos de frango com limão.

— Ficaste até tarde? — pergunto-lhe.

Ele suspira.

— Sim.

— A mãe já dorme?

Diz que sim com a cabeça.

— Estou só a acabar aqui este prato e já vou para a cama. Tenho de estar de volta no escritório amanhã.

— Boa noite — digo enquanto aperto o telemóvel contra o peito. Espero que ela não tenha ouvido nada. A Louca não precisa de saber mais detalhes da minha vida.

Quando fecho a porta do meu quarto, pego de novo no telemóvel e continuo a conversa.

— Diz.

— O pai parece tão cansado — diz ela com um tom triste.

É demais.

— “O pai”, não. O meu pai, Meu.

— É o meu pai também. Eu sou tu. Presta atenção. Posso prová-lo.

Engulo em seco.

— Não, obrigado.

— Sei tudo sobre ti. O teu código do cartão multibanco é 1016, que é a data do aniversário da tua mãe.

Fico engasgada. Como é que?... Deve ter descoberto a data do aniversário da minha mãe. A mãe só deixa em segredo o ano. E tenho a certeza de que não sou a primeira rapariga que usa a data de aniversário da mãe como código do multibanco.

— A tua password do computador é Ivy0305, que é a combinação do nome que gostarias que os teus pais te tivessem dado em vez de te darem o nome da avó do teu pai, e do dia em que se esperava que nascesses se a mãe não tivesse entrado em trabalho de parto duas semanas antes depois de ter comido duas malgas de sopa Peking Gardens quente.

Todo o meu corpo é percorrido por arrepios.

— Gostas de comer Froot Loops directamente do pacote. Também gostas de comer piza virada ao contrário, para não queimares o céu da boca. Gostas de queijo cheddar bem forte, daquele branco, mas cortas sempre o polegar no raspador de queijo. Tens pavor a cães. Quando vais à casa de banho na escola evitas sentar-te na sanita porque tens medo de apanhar uma doença, e às vezes fazes chichi no chão por engano.

— Isso foi só uma vez!

Duas. Quatro, no máximo.

— Por acaso, foram cinco.

— OK, cinco.

— A razão porque não foste à festa de fim de ano no 6.º ano não foi porque tiveste 39 graus de febre, como disseste ao teu ex-namorado giro mas burro, o Jarred, mas sim porque queimaste o teu lábio superior ao tentares depilar o buço e ficaste com um bigode avermelhado. A Maya teve pena de ti e ficou em casa contigo a ver filmes. Nem contaste a verdade à Karin. Por falar na Karin, lembras-te de quando saíste com o Anthony Flare, mesmo sabendo que ela gostava dele? Sim, sim, tu sabias. Ela nunca te disse que gostava dele, nem a ninguém, mas és a melhor amiga dela. E mesmo assim, saíste com ele.

Tenho as mãos a tremer. Nunca ninguém, mas *ninguém mesmo*, soube que eu sabia. Acho que nem a mim própria admiti que sabia.

— Já acreditas em mim?

— Eu...

Sinto a cabeça quase a explodir. Como é que isto é possível? Não pode ser possível. Não pode.

— Ah, e sei algo ainda pior! Quando tinhas seis anos, quando *tínhamos* seis anos, escalámos o roupeiro e ele caiu por cima de nós, e o pai saiu a correr da casa de banho quando ouviu o estrondo, e tinha as calças em baixo e nós vimos *tudo!*

— Arghhh! — gemo, ao lembrar-me.

Ela solta uma risadinha.

— He- he- he- he- he.

Aquela risada não pode ser imitação.

Com mil nódoas de molho mexicano, ela sou eu!

Capítulo Sete

Sexta-feira, 23 de Maio • • • Último Ano

Finalmente. Consegui convencê-la. A mim. Bolas, que confusão.

— É difícil de acreditar — diz-me a Devi Caloira com a voz a tremer.

— Eu sei!

— Mas... mas... como é que isto aconteceu?

Então recosto-me na minha cama e conto-lhe de como deixei cair o telemóvel na fonte do centro comercial.

— Não é que eu não acredite em ti — diz ela — mas acho que vou precisar de ver algo palpável. Uma prova.

Olho para a velha nódoa seca e castanha no meu tapete.

— A prova é a nódoa do verniz das unhas, não achas? E eu tentei fazer o teste — lembro-lhe. — Eu disse-te para não ires à festa.

— Bem, eu tenho de ter a certeza de que isto é mesmo a sério antes de começar a virar a minha vida do avesso. Talvez se eu fizesse algo e tu me disseses o que acabo de fazer. Porque tu ias conseguir ver. Em tempo real. Ou ias conseguir ver se fosses mesmo eu no futuro.

— O que sugeres?

Uma risadinha do outro lado.

— Se te dissesse, não ia ser uma surpresa.

Não estou com muita paciência para surpresas.

— Vamos ver se estamos na mesma onda.

— Por exemplo, cortar o meu cabelo — diz-me a Devi Caloira. — Ou pôr um *piercing* no umbigo.

— Nada de cortes amadores — repondo-lhe com determinação. —

Lembras-te do desastre das madeixas? E de qualquer forma, o cabelo volta a crescer em três anos e meio. E preferia não apanhar hepatite.

— E se gravasse algo na parede? — pergunta ela.

Assim sim.

— OK, força. Mas usa uma caneta de feltro. Não quero que cortes um dedo nem nada. E fá-lo num ponto que a mãe não consiga encontrar.

— Onde?

Olho em volta, à procura de um sítio apropriado. A minha secretária, o meu espelho, o meu armário...

— Atrás da cómoda?

— Parece-me bem — diz ela.

— Mas não a deites abaixo — aviso. — Não queremos o pai a correr nu pela casa.

Damos ambos uma risada.

Ouçõ uns sons de esforço na voz dela.

— Pronto, já está, já afastei a cómoda. Vou escrever algo agora. Consegues ver? Consegues?

— Espera! Ainda não estou lá.

Salto da cama, corro até à parede e puxo a cómoda. Espero que esteja lá. Tem de estar lá. Será que vai estar? Pesquiso com o olhar a parede de alto a baixo. Não vejo nada. Porque será que não vejo nada? Espera! Já estou a ver! Escritas na parede estão as palavras *Colocar Cómoda Aqui!* O meu cérebro parece ficar gasoso, como se tivesse bebido demasiado refrigerante.

— *Colocar Cómoda Aqui!* Estou a ver!

Ah! Ela tem piada. Eu tenho piada!

— Não acredito! — grita ela. — Não acredito!

Ponho-me aos pulos.

— Acredita! Está aqui! Estou a vê-lo! Eu bem te dizia! Eu és mesmo eu!

— Então... tudo o que eu fizer com a minha vida agora vai mudar a tua? A tua que é, no fundo... hmm... a *minha*, mas não ainda?

— Sim!

As possibilidades são infinitas.

— Espera um segundo — diz ela. — Tu lembras-te de escrever isto na parede?

Hmm. Fecho os olhos e ponho o cérebro a trabalhar ao máximo. Tento lembrar-me de pegar numa caneta de feltro ou de escrever na parede do meu quarto. Mas nada. Népia. Zero. Que significará isso?

— Não — respondo-lhe. — Mas é óbvio que o fiz. Está mesmo em frente dos meus olhos.

— Mas lembras-te de seres eu? Quer dizer, lembras-te de seres eu e de estares a falar contigo mesma mas no futuro?

— Não. Lembro-me do meu ano de caloiira, mas nunca falei comigo mesma. Pelo menos, não me lembro de o ter feito.

Massajo as têmporas. Então a minha realidade muda mas a memória não? Acho que é isso.

— Isto está-me a pôr o cérebro congelado.

— Eu sei, a mim também.

— Escreve outra coisa — peço-lhe.

— OK. O quê?

— Faz-me outra surpresa.

Fico a olhar para a parede.

— Ooops — diz ela.

— O que foi?

— Escrevi no meu polegar — queixa-se ela. — Com o marcador de tinta permanente.

Olho para a minha mão, sem qualquer marca.

— Não é assim tão permanente.

— Ainda bem. OK, espera então.

O espaço junto a *Colocar Cómoda Aqui* começa por estar vazio, mas de repente leio: *Isto é estranho*.

— Isto é estranho! Estou a ler isso!

— Estás? Mas como? Eu só escrevi “Isto”. Ainda não escrevi o resto.

— A sério? Bem, isso é que é mesmo estranho.

— Mas porque será? — pergunta ela, com dúvida na voz. Não quero que comece a duvidar de mim. Não quero que se ponha a questionar tudo isto outra vez.

— Talvez o meu presente mude mal tomes um caminho diferente no passado. Tu sabias que ias escrever “Isto é estranho”, foi isso.

— Mas e se mudar de ideias e escrever outra coisa? Vais ver isso?

— Bem... tenta, vamos ver.

— Diz-me mal vejas algo.

Enquanto olho para a parede, as letras mudam. Não começam a tremer nem sofrem qualquer tipo de metamorfose. Apenas mudam, como um canal que muda para outro na TV. *É estranho* passa de repente a *é fixe*. *Isto é fixe*.

— Estou a ver, estou a ver!

Qual tinta permanente, qual quê.

— Já? Mas só escrevo o ‘f’! Espera. E agora, o que vês?

Fixe muda para *folha*.

— ‘Isto é folha’? — Rio-me. — O que é que isso significa?

— Não sei! Mas já tinha escrito o ‘f’, por isso tinha de o aproveitar.

Abano a cabeça.

— Mas agora tens ‘isto é folha’ escrito na tua parede do quarto. Para sempre.

— Hmm... Ai sim? Até que mude de novo, não é?

Ei, isto é poder a mais nas mãos da Devi Caloira.

— A partir de agora, não deves fazer nada sem falares antes comigo.

Outra risada dela.

— Pois...

Eu não estava mesmo a brincar.

— Pronto, acredito em ti — diz ela quase sem fôlego. — E quero saber tudo. Como está a mãe? E o pai? E a Maya? E a Karin?

Sento-me no tapete e estico as pernas.

— Esqueci-me da Karin.

— Como é que te esqueceste da Karin? Já não somos melhores amigas?

— Nem por isso.

Deito-me no chão e olho para o tecto.

— O que aconteceu? Ela está bem?

— Está bem, sim. — digo depressa. — Bem, parece que anda com uns certos problemas alimentares.

— O quê? Que mau! Mas ela é tão saudável! Está a fazer provas para a equipa de ginástica e tudo.

— Bem, sim, mas parece que o treinador é algo maluco e diz a todas as raparigas que têm de pesar 40 quilos.

— Não podias ajudá-la? Dizer-lhe que o treinador é maluco?

Hmm, não.

— Não aconteceu quando ainda éramos amigas.

— Mas porque é que já não são amigas? — pergunta ela, e nota-se que está magoada pela notícia.

— É uma história comprida.

Quase acrescento “depois vês”. Às vezes as coisas mudam, quer queiramos quer não.

— Não dá para acreditar — diz ela. — Isso é tão triste. E a Joelle e a Tash? Ainda sou amiga delas?

— Nem por isso — digo-lhe a verdade. Corro os dedos pelo tapete.

— Mas então quem são as minhas amigas? — pergunta, obviamente confusa. — Tenho namorado? Ó. Meu. Deus... é o *Bryan*?

O meu estômago sente uma pancada.

— Não queres saber o que se passa no mundo e isso?

— Sim! Claro! — guincha. — Há robôs que falam? Já fomos a Marte?

Ah, que bom seria!

— Hmm, não. Estou só três anos e meio à tua frente. Realmente, não

mudou grande coisa. Temos o mesmo presidente. Continuamos com o aquecimento global. As tuas mamas cresceram.

— Ai sim?

— Sim. 34C. E a tua pele ficou bem melhor.

— Sem borbulhas?

— Só quando tens o período. O T Escarlate foi-se.

Rio-me de novo.

— O que é o T Escarlate?

— Então? Foi o que lhe chamámos, à linha de borbulhas na tua testa e nariz.

— Não sei do que estás a falar. Quer dizer, sei dessas borbulhas, infelizmente, mas o nome não conheço.

— Se calhar ainda não lhes dei esse nome.

— Eu gosto. Acho que vou usá-lo.

— O que é meu, é teu — digo, generosa.

— E o meu aparelho? Vou tirá-lo, certo?

— No início do segundo ano.

— Um ano inteiro com isto? Odeio esta coisa — queixa-se ela.

— Eu sei, mas vale a pena — prometo-lhe. Olho para o espelho do quarto e sorrio para os meus dentes perfeitos. — Acredita. Ah! Mas *não* ponhas o retentor dentro de um guardanapo na cafetaria, no próximo ano, OK?

— Num guardanapo? Mas toda a gente sabe que isso não se faz.

Obrigadinha, sabichona.

— Não o faças.

— Não vou fazer.

— Vais — insisto. — A menos que te lembres de não o fazer.

— E vou lembrar-me.

— Não tens lá grande memória — digo-lhe. — Talvez devesse fazer uma lista. Num caderno. Senão acabas por anotar coisas em pedaços de papel ao acaso, e anos depois encontra-los no fundo dos bolsos do casaco. Ou, se calhar, encontro-os eu.

Ainda assim, que maravilha que vai ser! Aquela lista mental que fiz hoje à tarde? A lista de coisas que mudaria se pudesse falar comigo no passado? Agora, posso fazê-lo! Pena que já não vou a tempo de corrigir o corte das madeixas e o fogo nas gomas.

— Boa ideia — diz ela. — Acho que tenho um caderno livre por aqui.

— Procura na prateleira. É onde os guardas.

— Sim, eu sei — diz ela, com uma risada.

Espero que me diga que está pronta, enquanto a ouço a vasculhar.

— Encontrei. Página um. Segundo ano: não deixar o retentor num guardanapo.

— Isso. Acho que o vou perder noutra altura também. Mas não me lembro onde. Não te preocupes. Vou acabar por me lembrar. Onde vais guardar o caderno quando não o usares? Ninguém deve vê-lo.

— Gaveta da secretária?

Abro a gaveta da minha secretária e vejo um caderno de espiral de capa verde. Abro-o na primeira página e leio a única frase nele escrita: *Segundo ano: não deixar o retentor num guardanapo*. Perfeito.

— Excelente. Agora que resolvemos o problema principal do meu futuro, a perda do retentor, podes contar-me mais coisas? Por exemplo, porque é que já não sou amiga da Karin, da Tash e da Joelle?

Esfrego as têmporas.

— Porque sim.

— Então quem são as minhas amigas?

— Não tens amigas nenhuma.

— O que é que isso quer dizer? Como é que não tenho amigas *nenhumas*?

— Tu... A Karin não é a única com problemas.

— Eu? — pergunta ela, com pânico na voz. — Eu tenho problemas? Quais? O que se passa? Tens de me contar!

Não tenho bem a certeza do que deva contar. Cabe-me a mim ser a responsável. Não quero violar nenhuma lei de viagens temporais ao revelar informações delicadas. E não quero estragar isto. Já foi sorte ter tido uma segunda chance. Não vou ter uma terceira.

— Tens de me contar! Ó. Meu. Deus! Vou morrer? É isso?

Rolo os olhos.

— Claro que não morres, parva.

— Se eu sou parva, tu também és. Promete-me que não vou morrer.

Bato com a palma da mão na testa.

— Estou a falar contigo, não estou?

— És um anjo? Estás a falar comigo da tumba? — Engasga-se. — Apanho uma doença terminal?

— Não apanhas doença *nenhuma*. Não há nada de mau contigo. Fora seres uma chata.

— E a Maya? E a mãe? E...

— Estão todos bem. — Abro a porta do quarto e olho para além do corredor. Consigo ver a luz fraca da TV que vem do quarto dos meus pais e do escritório.

— A mãe está a ver o Food Network agora. Como de costume. A TV está sempre ligada quando ela não está na Intralern.

— O que é a Intralern?

— É onde a mãe trabalha.

— A mão arranhou um emprego? Ai sim? Isso é muito bom! O que é que a fez voltar a trabalhar?

— Oh, foi... — Bolas. Digo-lhe a verdade? — Foi por causa do pai...

— Do pai? O quê? Ai, o pai tem alguma coisa? Diz-me que não.

— Tens de te acalmar. Não te posso dizer nada se vais começar a passar-te com todas as coisas más.

— *Todas as coisas más?* Quantas coisas más ainda há?

Não lhe devia contar tudo. Não quero chocá-la.

— O pai está bem. Estão todos bem.

E é mais ou menos a verdade. Todos estão bem. Menos eu. Pisco os olhos.

— Então o que há de mal?

Sento-me na cama. A separação. A separação que te quebra o coração. É a isso que a quero poupar. Quero envolvê-la numa camada confortável de negação e protegê-la.

— Apaixonares-te pela pessoa errada, é só — digo com cuidado.

— Quem?

— O Bryan.

— Oh. Oh!

— Sim. Anota isso então.

— Anoto o quê?

— Anota. “Não sair com o Bryan Sanderson.”

De volta ao meu plano. Embrulha, Bryan. Tens um plano que não me inclui, e agora eu tenho um plano que não te inclui. E talvez agora a Devi Caloira me dê ouvidos.

— Mas o que há de tão mau no Bryan?

— Tudo! Acredita.

— Mas eu gosto do Bryan. Ele é... mesmo simpático.

— Devi...

— É simpático!

— Não é assim tão simpático — resmungo.

— Mas como é que isto funciona, afinal? Não saio com o Bryan, e isso significa que tu não saís com o Bryan?

— Sim. Somos a mesma pessoa.

— Talvez pudesse sair com ele agora e romper com ele ou assim, antes das coisas más acontecerem — diz ela, com um grão de esperança na voz.

— Não. — Endireito os ombros. — Tens de cancelar.

Ela suspira.

— Podemos pensar nisso melhor?

— Não vamos pensar, vamos agir. E já é demasiado tarde para lhe ligares, de qualquer forma. Podes fazê-lo amanhã de manhã.

- Fixe. Falamos disso amanhã de manhã então.
- Não. Amanhã de manhã tu *fazes* isso. — Cerro as mãos com força.
- Tens de o fazer. É a coisa mais importante que tens para fazer. Entendes?
- Tudo bem — diz ela, muito baixinho.
- Pois. Já ouvi isso antes.
- Pronto. Prometes?
- Prometo. — Suspira. — Eu vou fazer isso.